

PERFORMANCE E ANCESTRALIDADE NA COMUNIDADE DE HELVÉCIA.

Valdir Nunes dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB Teixeira de Freitas/BA.

.Palavras-chave: performance do bate-barriga. ancestralidade em Helvécia. monocultura do eucalipto.

Na tentativa de encontrar resquícios de memória, fragmentos de lembranças históricas, pedaços de comportamentos dos seus antepassados no fundo do rio Peruípe e nas manifestações culturais, pessoas da comunidade de remanescentes de Quilombo em Helvécia no Extremo Sul da Bahia, têm-se preocupado com a história que os moradores mais antigos contam sobre as ações praticadas pelos senhores do café contra os escravos, quando da chegada das embarcações contendo os negros vindos de Portugal e da África para o exercício da escravidão e de acontecimentos ocorridos nas relações cotidianas de trabalho.

Conta dona Emília Cerqueira – senhora de 97 anos, antiga professora em Helvécia – *Os negros vinham da África até o porto de Caravelas/BA e escoados através do Rio Peruípe até o Porto de São José, nas imediações do povoado de Juerana, distrito de Caravelas. Devido ao excesso de passageiros e o reduzido espaço nas canoas dos fazendeiros, reservadas a esse serviço, muitas vezes a embarcação virava e por estarem acorrentados entre si, muitos negros morriam afogados e eram lançados ao Rio, evitando com isso, gastos com os funerais (informação verbal).*

Em função de relatos históricos como os de Dona Emília Cerqueira, pessoas da comunidade, da região– escolas, universidades e estudiosos, metaforicamente, se jogam nas águas do Rio Peruípe, na interação com as histórias orais tradicionais, e no seio das manifestações culturais, na esperança de poder garimpar – procurar preciosidades – fragmentos de história, documentos, gestos, comportamentos afogados, que possam imprimir identidades no tecido da memória coletiva da comunidade de Helvécia e reabilitar as “performances perdidas” - idéia força que ocorreu no movimento de violência dos senhores sobre os seus escravos, ao longo da história, pois, *Performances são feitas de pedaços de comportamento restaurado(...), (SCHECHNER, 2003)*. Observa-se através do relato, que comportamentos existiram e se perderam ou ficaram esquecidos, na história e cultura oficiais, como elementos mortos e que devem ser historicamente recuperados, por meio de estudos, revividos no processo de reabilitação das performances através de pesquisas, permitindo ao estudioso re-significá-las para devolvê-las à comunidade como elementos de relevância para o fortalecimento e construção da memória e identidade coletiva.

O rio Peruípe - estrada, fonte alimentar e arquivo - guarda parte dos escombros da história da comunidade desde a antiga fazenda de café do sr. João Martinho Flarck, a antiga fazenda sertão e Colônia Leopoldina; Vila de Helvéthia em homenagem ao seu fundador de origem Suíça e hoje, Helvécia. Nesses escombros jazem pedaços de vidas que foram escondidos

no fundo desse Rio que tem uma função paradoxal para a vida da comunidade, pois ao mesmo tempo em que a serviu com o seu pescado – fonte alimentar, hoje, esse mesmo rio em um intenso processo de degradação e de escassez, serve apenas de esconderijo de um passado, de comportamentos afogados e fragmentos históricos e culturais que impedem o fortalecimento das identidades.

Nesse sentido, Herculano Lopes nos adverte que,

O historiador da performance deve agir como o químico, para investigar os traços que lhe foram deixados e reconstruir o momento passado. Mas, para recuperar a força de tal momento em favor do presente (a performance na história), deve então transformar-se no alquimista, com seu poder transformador. (2003: 12:10).

Assumindo uma postura de investigador da história, entende-se como atitude necessária para acelerar o processo de busca e procura das performances perdidas, uma ação intensa de garimpagem no “fundo do rio” e nas manifestações culturais: Os Mouros e Cristãos, O samba de viola e em especial na dança Bate-barriga, realizadas no seio da comunidade em diferentes datas comemorativas - festa de Nossa Sra. da piedade – padroeira da cidade – virada de ano, festa de São Sebastião, queima de Judas e ofícios.

Situando de forma mais precisa o campo de busca e procura das performances perdidas nas ações da comunidade afrodescendente de Helvécia, faz-se necessário trilhar a ação dos homens sob a égide da cultura como caminho de possibilidade a nos levar à transformação social e ao entendimento de um tempo passado e, a partir dele, fazermos uma reflexão sobre os tempos de agora quando essa mesma comunidade vive sob as sombras dos eucaliptos. Uma ação da cultura que se caracteriza em uma outra ação performática.

Nesse sentido, a estrada de ferro abandonada, os objetos antigos, relíquias pessoais e coletivas, os seus cemitérios cobertos por eucaliptos, a destruição da antiga igreja e da senzala - construções seculares - são denúncias, são comportamentos duplamente exercidos que se traduzem em performances, pois essas imagens “construídas” compõem o cenário de escombros da memória de Helvécia, denotam uma relação de poder, de interpretação da realidade cultural e histórica.

Essa ação desempenhada pela cultura – choque entre as culturas de tradição e as práticas culturais em prol de um “suposto” progresso - chega aos nossos olhos em dimensões performáticas ou, em ações impregnadas de performances ou seja, comportamentos continuamente treinados para assegurar a boa performance e garantir o fortalecimento das identidades, estas, construídas a partir da restauração dos comportamentos ou como diz Schechner, comportamentos restaurados,

Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam corpos, contam histórias. Performances artísticas, rituais ou cotidianas – são todas feitas de comportamentos duplamente

exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar. Mas a vida cotidiana também envolve anos de treinamento e aprendizado de parcelas específicas de comportamento, e requer a descoberta de como ajustar e exercer as ações de uma vida em relação às circunstâncias pessoais e comunitárias (...), (SCHECHNER, 2003:27).

As performances nessa dimensão servem historicamente para contribuir com o processo de re-significação das identidades fragmentadas no entrecchoque do poder e das diferenças econômicas. O tempo, felizmente não conseguiu diluir por completo as ações que foram encharcadas de performances e por sua vez, fragilizaram as identidades estilhaçadas, porém de relevância fundamental para compreender a dimensão do passado.

No entanto, em cada um dos escravos açoitados, afluava uma sede de luta, sabor pela sua cultura, uma consciência da necessidade de cultivar os seus deuses e a sua fé num ritual sagrado para ajudá-los a vencer aquela realidade de desrespeito sem precedentes. E assim, os ritos foram sendo adaptados à nova realidade geográfica, cultural e política para fortalecer as relações de sobrevivência. E hoje, a cada canto entoado, a cada batuque de tambor soado na movimentação dos dias, uma performance é construída. Haja vista o manancial performático decorrente das festas de rua, de praça como a festa de São Sebastião, nela se apresentam, os mouros e cristãos, samba de viola e a dança bate-barriga, aglutinando fé, cultura e resistência num intenso diálogo com o passado. Na festa, os comportamentos são cuidadosamente capturados, garimpados, pinçados na movimentação cultural que essas manifestações populares vivenciam enquanto representação simbólica do mundo imaginário em diálogo com o real e que são exibidas em praças, ruas e terreiros. Espaços primordiais à realização de práticas de resistência como forma de restauração de comportamentos para recompor, reescrever as performances que foram perdidas ao longo da história e,

(...) como idéia- força capaz de saltar o fosso entre arte e vida. Idéia de difícil conceptualização, escorregadia, movendo-se nos interstícios das diversas áreas, o termo foi se definindo mediante certas práticas e ocupando terrenos inesperados. (SCHECHNER, 2003:6)

Agarrando ao conceito de performance defendido por Schechner onde ele afirma que *Há muitas maneiras de entender a performance. Qualquer evento, ação ou comportamento pode ser examinado como se fosse performance.*(2003, 12:48). A dança bate-barriga realizada em Helvécia é um manancial de movimentos performáticos que definem de uma certa forma o espaço da performance ou em que situação ela se apresenta ou seja: uma tradição cultural, contextualizada em um espaço étnico/temporal e convencionada a um sentimento emocional enfim, ainda com Schechner (2003), pode-se utilizar a ferramenta conceitual para analisar essa manifestação como impregnada de movimentos performáticos, pois ela se apresenta com uma indumentária própria e específica para o momento, com passos bem ensaiados, batuques

cadenciados, espaço demarcado e o jogo de cena bem articulado entre os jogadores/participantes.

Esses grupos preocupam-se, em preservar a todo custo, o sabor de tecer as experiências de cada dia com o fio de cultura de suas gentes que resistiram e, ainda resistem, através das performances culturais, e cotidianas existentes/produzidas nas manifestações, para garantir a construção de caminhos que os conduzem à liberdade.

Palavras-chave: performance, bate-barriga, ancestralidade, monocultura do eucalipto, Helvécia

Bibliografia:

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

KOOPMANS, Pe. José. **Além do eucalipto: o Papel do Extremo Sul**. Salvador: BDA, 1997.

LOPES, Antonio Herculano. **O PERCEVEJO**. ano 11, 2003, No 12: 5 a 16.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** O PERCEVEJO ano 11, 2003, No 12: 25 a 50.